

O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos oferece, no primeiro semestre de 2024, o material onde é apresentado um recorte da exposição *Sem Metáfora*. Professores e estudantes encontram propostas de atividades e reflexões pertinentes à Pop Art, corrente artística surgida no Reino Unido e nos Estados Unidos, consolidada nos anos 1960 e caracterizada, como nos lembra a organizadora da exposição, Vera Chaves Barcellos, “por uma linguagem denotativa e direta e pela quase total ausência de metáfora. É quase sempre ou exclusivamente figurativa, representando elementos do mundo real e cotidiano, podendo também se caracterizar pelo grande número de elementos de diversas origens em uma mesma obra, a exemplo das colagens”.

Os chamados artistas pop utilizaram em profusão processos de apropriação em seus trabalhos. Assim, encontramos uma grande variedade de temas, que passam principalmente pela imensidão de imagens que circulam na chamada cultura de massas. Montagens e manipulações utilizam retratos de artistas, líderes raciais e políticos, personagens históricos; textos e imagens de anúncios, corrida nuclear, desastres e guerras, violência e mortes; histórias em quadrinhos e até embalagens de alimentos e bebidas. Ao espectador da Pop Art pode ser interessante estabelecer relações entre as manipulações das imagens efetuadas por esses artistas e o real cotidiano da vida moderna nas grandes metrópoles que se consolidou no pós-guerra.

Os trabalhos presentes na exposição carregam em si “um certo espírito pop”. São artistas que trazem em alguns dos seus trabalhos a influência deste movimento: Anna Bella Geiger se utiliza da paródia ao se inspirar em um conhecido anúncio de revista de uma pomada de uso popular; Claudio Goulart se apropria da imagem de uma figura pop do século XX, o aviador estadunidense Charles Lindbergh, para abordar o tema da guerra aérea; Richard John recorre a imagens de objetos do cotidiano copiadas de cadernos de colorir da década de 50; também Romanita Disconzi, influenciada pela semiótica, utiliza signos diversos em seus trabalhos, marca importante em sua poética; Têti Waldraff imprime em seu trabalho exposto na Sala dos Pomares a colagem e a cor, atributos caros à Pop Art; Telmo Lanes interfere em uma peça de roupa de uso cotidiano onde é agregada uma ideia e uma expressão idiomática; por fim, Vera Chaves Barcellos, na obra *Falso Andy Warhol Meret Oppenheim*, realiza uma dupla citação, ao utilizar uma sequência de fotocópias sobre papel color set de uma imagem apropriada da artista Meret Oppenheim fotografada por Man Ray, utilizando a estética do artista pop estadunidense.

Em cada lâmina, sugerimos propostas de atividades para serem realizadas em sala de aula. O nosso propósito é que as produções, depois de serem avaliadas, sejam compartilhadas nas redes sociais e no ambiente virtual, expandindo as possibilidades de reflexão e leituras para além do período da exposição, ampliando a vivência do público escolar com o universo da arte contemporânea.

EXPOSIÇÃO SEM METÁFORA

SALA DOS POMARES

13 de abril a
10 de agosto de 2024

ORGANIZAÇÃO
Vera Chaves Barcellos
Equipe FVCB

EXPOGRAFIA
Vera Chaves Barcellos
Arthur Bonfim

MONTAGEM
Nelson Rosa
Marcelo Moreira

IDENTIDADE VISUAL
Sandro Ka

MATERIAL EDUCATIVO

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO
Katiana Ribeiro

TEXTOS
Aline Zimmer
Ethiene Nachtigall
Margarita Kremer
Yuri Flores Machado

REVISÃO
Henrique Guerra

FOTOGRAFIAS
Leopoldo Plentz
Acervo FVCB

DIAGRAMAÇÃO
Katiana Ribeiro

IMPRESSÃO
Ideograf

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

DIRETORA-PRESIDENTE
Vera Chaves Barcellos

DIRETORA CULTURAL
Bruna Fetter

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Carlos Renato Hees

GESTÃO DE PROJETOS,
PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO
Katiana Ribeiro

ACERVO ARTÍSTICO
Bruna Martin
Arthur Bonfim
Vitor Lanes

PROGRAMA EDUCATIVO
Margarita Kremer
Ethiene Nachtigall
Yuri Flores Machado

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E PESQUISA
Yuri Flores Machado
Aline Zimmer

CONSELHO DELIBERATIVO
Ana Maria Albani de
Carvalho
Eduardo Veras
Elaine Tedesco
Fáride Costa Pereira
Flávio Kiefer
Leopoldo Plentz
Maria Fernanda de Lima
Santin
Patricio Farias (presidente)
Paulo Silveira

CONSELHO FISCAL
Marlies Ritter
Jorge Ritter
Pedro Chaves Barcellos Filho

REFERÊNCIAS

- BERG, A. Scott. *Lindbergh: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Brites, Blanca. Apontamentos sobre Construções Visuais. In: BRITES, Blanca (Org.). *100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- FERVENZA, Hélio. *Desenhos Miméticos, ou A Cópia Original*. Folder de exposição. Porto Alegre: V744 Atelier, 2023.
- FIDELIS, Gaudêncio. As Múltiplas Vias Participativas na Obra *Totem de Interpretação* de Romanita Disconzi. In: *O museu sensível: uma visão da obra de artistas mulheres na coleção do MARGS*. Porto Alegre: Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 2014.
- FREITAS, Artur. Raiva, ironia, alegria: modos de resistência na arte brasileira dos anos 1970. *Revista Visualidades*, 2019, v.1: e-58183.
- HEINRICH, Christoph; SCHICK, Karen. *ANDY WARHOL: PHOTOGRAPHY*. Hamburg; Pittsburgh: Hamburger Kunsthalle; The Andy Warhol Museum, 1999.
- JAREMTCHUK, Dária. *Anna Bella Geiger: passagens conceituais*. Belo Horizonte: C/Arte; Edusp, 2007.
- JOHN, Richard. *Desenhos miméticos e a tirania da forma*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2019.
- LIPPARD, Lucy. *A Arte Pop*. São Paulo: Verbo/Edusp, 1973.
- MARCELLE, Cinthia. *Confronto*. Vídeo, cor, som, 7'50". 2005. Disponível em: <https://vimeo.com/2115626> Acesso em: 22 fev. 2024.
- MARCELLE, Cinthia. *Volta ao mundo*. Vídeo, cor, som, 16'29". 2004. Disponível em: <https://vimeo.com/2115553> Acesso em: 22 fev. 2024.
- NAVAS, Adolfo Montejo (org.). *Anna Bella Geiger: territórios, passagens, situações*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- REGO, Teresa Cristina. *A pedagogia da paixão de Madalena Freire*. Registros de encontros, diálogos e parcerias. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2023.
- RIBEIRO, Niura Legramante. Desnaturar o dispositivo; inflexões fotopictográficas. In: LUDEMANN, Marina; GASS, Adair; WAQUIL, Isabel. *O poder da multiplicação*. São Paulo: Estação Liberdade; Berlim: Kerber, 2018.
- RÖHNELT, Mário. *Pintura: da matéria à representação*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2011.
- ROSA, Fernanda Soares da. *Claudio Goulart: o arquivo como memória*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- VERAS, Eduardo; WALDRAFF, Têti. "Querida ser a professora que eu gostaria de ter!". *Revista Pomares*, n. 5. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2021.
- WILBERT, Nelson. [Site]. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://nelsonwilbert.blogspot.com/?view=classic>. Acesso em: 07 mar. 2024.

Agende
sua visita

(51) 98229 3031 | educativo.fvcb@gmail.com

Sala dos Pomares – Rodovia Tapir Rocha, 8480 (parada 54), Viamão/RS



fvcb.com.br



[fvcb](#)



[fvcbarcellos](#)



Sobre a arte

DIGA COMO SCO



BU·RO·CRA·CIA

A.B. Geiger
77.03

ANNA BELLA GEIGER

(Rio de Janeiro/RJ, 1933)

Diga conosco: Burocracia, da série *Burocracia*, 1977-2013

Grafite e acrílica sobre tela

PALAVRAS-CHAVE:

publicidade

paródia

política

A obra *Diga Conosco: Burocracia* faz parte da série homônima, realizada pela artista Anna Bella Geiger em 1976. Nela, quatro mulheres enfileiradas nos convocam a repetir em voz alta a palavra burocracia, sílaba por sílaba – como acontece no processo de alfabetização infantil, embora se trate de uma palavra do mundo adulto. A pintura de Anna Bella Geiger é uma releitura da antiga propaganda da pomada Lugolina, popular no início do século XX. A série *Burocracia* possui versões da mesma imagem em diferentes técnicas, como nanquim e aquarela, óleo e acrílica, além de ação performática em vídeo.

A obra evidencia, através da **paródia**, os métodos presentes tanto no sistema tradicional de ensino quanto na **publicidade**. É também uma crítica **política** ao período da Ditadura Militar, marcado pela burocratização e violência do Estado. Ao separar as sílabas da palavra burocracia, a obra alude à internalização subjetiva de ideias e ideologias que, de tão repetidas, são naturalizadas em nosso cotidiano. Uma crítica semelhante está presente na serigrafia *Colombia*, do artista Antonio Caro, em que o nome do país é estilizado como o logotipo do refrigerante Coca-Cola. Através do consumo exacerbado de produtos de outro país – não só refrigerantes, mas também filmes e músicas –, é como se o país latino-americano deixasse de lado sua identidade e cultura, para configurar-se de acordo com padrões externos.

OBRA RELACIONADA



Antonio Caro (Bogotá, Colômbia, 1950–2021)

Colombia, s/d

Serigrafia sobre tecido

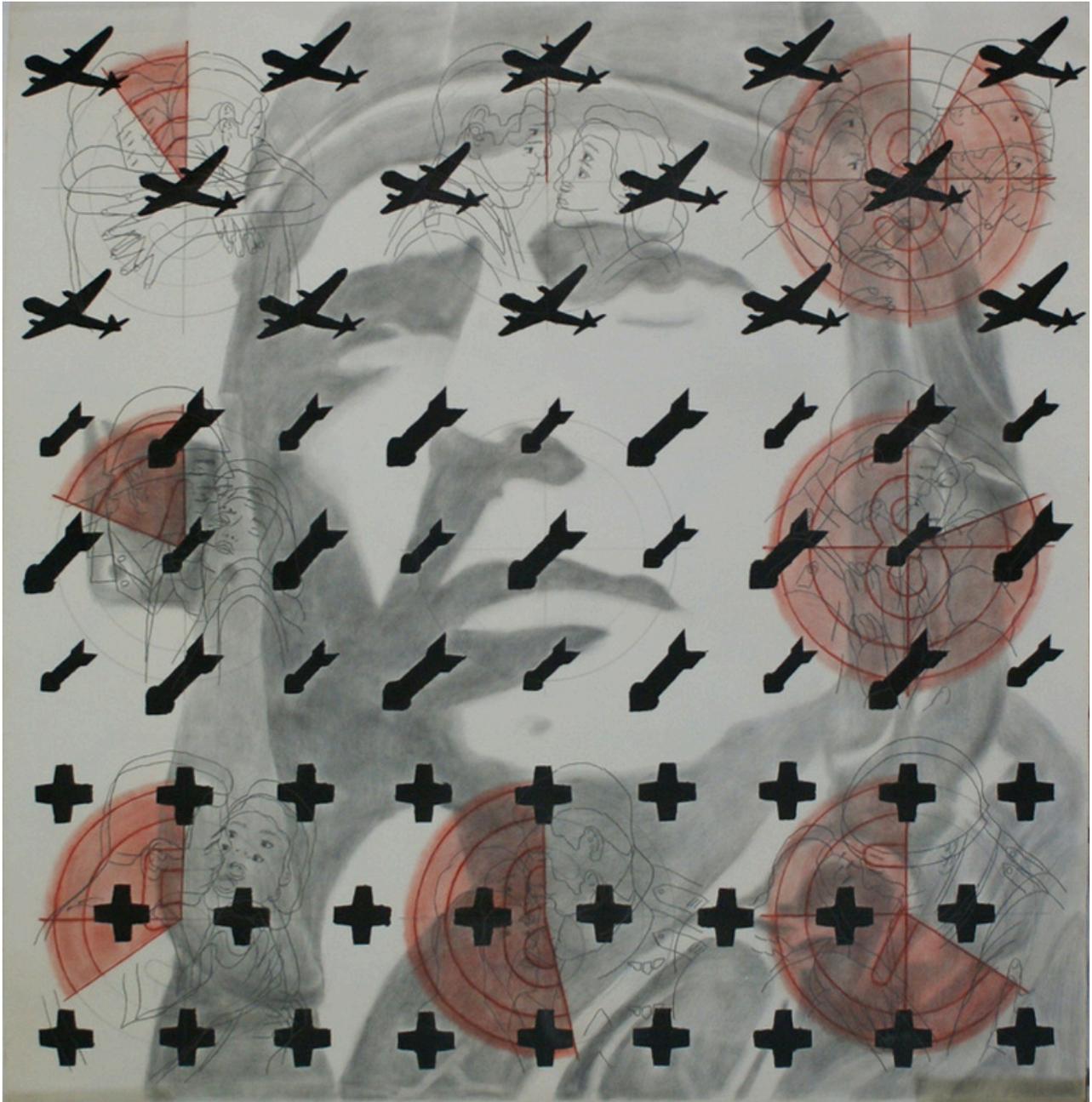
PARA PENSAR

Questionar ideias naturalizadas em nosso cotidiano passa por refletir também sobre os produtos culturais que consumimos, como músicas, séries, livros, filmes, entre outros. Assim como a obra de Antonio Caro questiona a influência dos Estados Unidos no consumo e na cultura da América Latina, vale refletir sobre a origem e a diversidade geográfica dos artistas que acompanhamos.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Para os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio: Divida a turma em grupos e proponha que escolham uma propaganda (veiculada na mídia/internet como anúncio, vídeo ou outro) para fazer uma releitura/paródia com crítica social. Os resultados podem ser apresentados por meio de foto, vídeo, desenho ou outra linguagem, em uma exposição coletiva da turma. Reforce a importância de criticar *ideias* e não somente pessoas e/ou figuras públicas.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *Brazil*, dirigido por Terry Gilliam, 1985.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *Eu, Daniel Blake*, dirigido por Ken Loach, 2016. Disponível no YouTube.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** JAREMTCHUK, Dária. *Anna Bella Geiger: passagens conceituais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão – Uma história de Wall Street*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



CLAUDIO GOULART

(Porto Alegre/RS, 1953 – Amsterdã, Holanda, 2005)

Pilot, 1999

Desenho a lápis sobreposto por tinta

Sobre a imagem de uma **figura pop** do século XX, o aviador estadunidense Charles Lindbergh (1902–1974), responsável pelo primeiro voo solitário transatlântico sem escalas, partindo de Nova Iorque e pousando em Paris em maio de 1927, Claudio Goulart sobrepõe imagens de um beijo apaixonado, aviões, “setas-corações” como bombas e cruzeiros-morte. O tema da **guerra**, recorrente em alguns trabalhos do artista, aparece aqui em diálogo com uma personagem muito conhecida no período. Lindbergh teve uma vida conturbada, sendo tema de controvérsias, por exemplo, ao se manifestar contrário à entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial em decorrência de seu envolvimento com o nazismo.

A **apropriação** de imagens de líderes políticos, atores, atrizes e cientistas famosos foi uma das maneiras que alguns artistas encontraram a partir dos anos 50 para estabelecer uma ponte das artes visuais com a chamada *indústria cultural* – conceito desenvolvido em 1944 por Max Horkheimer (1895–1973) e Theodor Adorno (1903–1969), que designa o fazer cultural e artístico sob a lógica da produção industrial capitalista e a idealização de produtos adaptados para consumo das massas. Alguns artistas utilizam a potência imagética dessas apropriações de personagens públicas para estabelecer abordagens de viés político, como no caso de Patricio Farías, que duplica a imagem de um sorridente Henry Kissinger (1923–2023), Secretário de Estado dos EUA, cujo apoio foi decisivo na implementação das ditaduras militares na América Latina durante os anos 1970, ou como no caso de Guglielmo Achille Cavellini, que se utiliza da autoironia ao se incluir no rol dos líderes políticos do século XX, cujas imagens hoje fazem parte da cultura visual ocidental.

PALAVRAS-CHAVE:

figura pop

guerra

apropriação

OBRAS RELACIONADAS



Patricio Farías (Arica, Chile, 1940)

Sem título (Kissinger duplo), 1983–1984

Serigrafia sobre papel

Guglielmo Achille Cavellini

(Bréscia, Itália, 1914–1990)

Sem título, da série

Autostoricizzazione, c. 1971

Arte Postal



PARA PENSAR

As descobertas científicas realizadas durante o século XX foram decisivas na conformação do mundo do século XXI. A invenção do avião alterou profundamente a relação que temos com o tempo e o espaço, tendo em vista a possibilidade de viagens intercontinentais em algumas horas, algo impossível no século XIX. Nesse sentido, podemos afirmar que também a guerra foi influenciada por essa nova relação dos seres humanos com a tecnologia, o tempo e o espaço?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Para o Ensino Médio: Solicite aos estudantes que pesquisem sobre a utilização de aviões durante os combates na Primeira Guerra Mundial. Após, eles deverão escrever um roteiro para um vídeo de até cinco minutos sobre o tema pesquisado.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *Guernica*, dirigido por Alain Resnais e Robert Hessens, 1950. Disponível no YouTube.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *Oppenheimer*, dirigido por Christopher Nolan, 2023.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – O espírito do tempo: neurose e necrose*. São Paulo: Forense Universitária, 2018.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** BRECHT, Bertolt. O voo sobre o oceano. In: Bertolt Brecht: teatro completo 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.



RICHARD JOHN

(Bom Princípio/RS, 1966)

Originais para Reprodução N. 2 (P5-001), 2023

Originais para Reprodução N. 2 (P8-001), 2023

Emulsão acrílica, nanquim, guache e óleo sobre papel

PALAVRAS-CHAVE:

desenho

erro

original

cópia

reprodução

Os *Originais para Reprodução* de Richard John resultam de sua pesquisa de doutorado intitulada *Desenhos Miméticos e A Tirania da Forma* (2019). As imagens têm origem no caderno de colorir *Lluvia de Cores*, publicação argentina de 1957. São uma “verdade *ready-made*” (nas palavras do artista), evocando referências da sua infância. Richard fotografa uma página, projeta ampliada sobre uma folha de papel e a copia manualmente, “passando a limpo” o contorno dos objetos em traços finos de caneta. O ato originário do **desenho** (“forma e fôrma ideais”, como menciona Hélio Ferverza) é recuperado, para logo dar lugar ao preenchimento através da pintura a óleo. Segue como desenho, ou será agora pintura? A pincelada que ousa ultrapassar seu limite é compensada por linhas de guache branco. Mesmo com essas supostas correções, o lugar do **erro** é preservado, como um acidente de certa forma desejado no processo.

Cada trabalho é um **original** e também **cópia** potencialmente infinita dele. São oito painéis, e cada obra adquirida é substituída por uma nova versão redesenhada a partir da anterior (aqui temos as versões 001 de P5 e P8). E é na noção de cópias múltiplas, mas nunca idênticas, da **reprodução** original, que Richard e Nelson Wilbert se aproximam. Nelson parte também de imagens pré-existentes, no caso, ícones da história da arte, mas na série *Camuflagens* elas são manipuladas de forma digital e testadas em inúmeras combinações com padronagens igualmente digitalizadas, sendo algumas delas finalizadas como pintura. Entram novos desafios, como a transposição da imagem, cor e luz certas, e do controle sobre a sempre “imperfeita” mão humana.

OBRA RELACIONADA



Nelson Wilbert (São José do Ouro, RS, 1969)

Sem título, da série *Camuflagens*, 2010
Acrílica sobre tela

PARA PENSAR

O músico e artista britânico Brian Eno criou, em 1975, as *Estratégias oblíquas*, conjunto de cartas com a finalidade de ajudar os artistas em seus dilemas. A primeira, mencionada por Richard John em relação ao seu modo de produção, propõe: “Honre o erro como uma intenção oculta”. Para Richard, todos os avanços, recuos, tentativas, incertezas, descobertas e reelaborações que ocorram entre o desejo e a realização da obra dão consistência a ela. Arte não é sinônimo de perfeição. Nela, como na vida, o erro pode ser um acerto em potencial, ou indicar outro caminho.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Cada aluno deverá listar e desenhar objetos do seu próprio quarto: roupas, livros, jogos, tudo o que puder caracterizar este espaço. Vale copiar, contornar, pintar, transformar, sem certo ou errado, bem ou mal desenhado. Após, pode ser feito um mural com todos os desenhos produzidos, sem menção dos autores, e os estudantes serão desafiados a descobrir a quem pertence cada quarto representado.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *A defesa da cópia*, The Art Assignment. Disponível no YouTube.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** Vídeos do canal do desenhista Daniel Azulay no YouTube.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** Entrevista com Brian Eno. In: OBRIST, Hans Ulrich. *Entrevistas – Volume 2*. São Paulo: Cobogó, 2009.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** DIEGUES, Isabel; FORTES, Márcia; KERTI, Mini; LOPES, Priscila. *Arte Brasileira para crianças: 100 artistas e atividades para você brincar*. São Paulo: Editora Cobogó, 2016.

ROMANITA DISCONZI

(Santiago/RS, 1940)

Totem de Interpretação, 1969

Serigrafia e colagem sobre madeira

PALAVRAS-CHAVE:

objeto
signos
semiótica

A obra-objeto *Totem de Interpretação* (1969), da artista Romanita Disconzi, é formada por módulos de madeira policromados, nos quais há diversos símbolos feitos em serigrafia – flechas, digitais, mãos, olhos, corações, flores, armas, telefones e até um mapa do Brasil – em cores primárias e secundárias, além do preto. De uma forma lúdica, os blocos podem ser rearranjados de outra maneira, formando, assim, novas configurações da mesma obra.

Quando criança, a artista gostava de decifrar cartas compostas por diversos códigos, publicadas nas revistas semanais. Mais tarde, a visualidade das histórias em quadrinhos inspirou a criação de seus primeiros enigmas plásticos, e ela também teve contato com a **semiótica** – ciência que estuda os **signos** verbais e não verbais, e os significados atribuídos a eles dentro dos diferentes contextos.

A técnica da serigrafia e o uso de elementos visuais também estão presentes no díptico *Volta ao mundo e confronto* (2012), de Cinthia Marcelle. A primeira cena, extraída de um vídeo homônimo da artista, apresenta várias kombis brancas que circulam simultaneamente em torno de uma mesma praça redonda. Já a segunda cena retrata carros cruzando uma avenida. No vídeo original que dá origem a essa segunda serigrafia, oito malabaristas tomam aos poucos a faixa de pedestres, criando um obstáculo aos motoristas, que buzina, irritados. Em ambas as cenas, os veículos, as linhas e o formato da praça que, com suas árvores, parece formar um planeta, constituem símbolos da visualidade urbana.

OBRA RELACIONADA



Cinthia Marcelle
(Belo Horizonte/MG, 1974)
Em cartaz (Volta ao mundo e confronto), 2012
Serigrafia sobre papel

PARA PENSAR

Convivemos com signos e símbolos o tempo todo. De sinais de trânsito a ícones presentes na internet, seus significados são convenções criadas pela sociedade. Quais outros tipos de signos e símbolos estão presentes em nosso cotidiano? Como aprendemos o que eles significam? Se você tivesse que criar um símbolo com uma mensagem para alguém, como ele seria? Consegue pensar em um signo/símbolo – sonoro, gestual, entre outros – que não seja uma imagem?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Para o Ensino Fundamental: Proponha que cada estudante grave um vídeo ou tire fotos de cenas do seu cotidiano. Após, cada estudante deve observar nos vídeos e nas fotos os elementos e símbolos presentes, refletindo sobre seus significados e retratando-os por meio do desenho. A atividade também pode explorar o uso da cor.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *Signs*, dirigido por Patrick Hughes, 2008. Curta-metragem disponível no YouTube.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *Polaris*, dirigido por Hikari Toriumi, 2018. Animação disponível no YouTube.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** VERNE, Júlio. *A volta ao mundo em 80 dias*, 1873. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005. BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. São Paulo: Ed. Casa Lygia Bojunga, 2013. Para leitores a partir de nove anos.



TÉTI WALDRAFF

(Sinimbu/RS, 1959)

Jacaré em Vigília, 2004

Assemblage

No século XX, com o movimento dadaísta encabeçado por Marcel Duchamp, os objetos do cotidiano ganharam status de arte. Desde os anos 1980 Têti Waldraff cria trabalhos que buscam celebrar a existência, cultivar as germinações da **natureza** e preservar o sentimento de contentamento, seja em desenhos, pinturas, colagens, objetos ou em apropriações. O skate perde a função original enquanto sua superfície se deixa revestir por uma colagem de miçangas coloridas, que dão a ele a forma de um jacaré. A artista afirma ter a sensação de estar sempre brincando quando faz as suas ações artísticas. O aspecto **lúdico** do objeto fica explícito tanto nos materiais quanto na intencionalidade da artista. O pendor **kitsch** que permeia alguns trabalhos de Têti vem da observação e convivência com os processos artesanais e artísticos da sua mãe. “É brilho, é cor, é juntar coisas estranhas entre si e criar um novo objeto, provocando um novo olhar”. A fricção entre o jardim e o ateliê move a artista para a ação.

Na obra relacionada, Helena d’Ávila produz seu próprio jardim vertical também misturando colagem de materiais variados como plástico e tecidos, e o brilho fica por conta da tinta metalizada que recobre a maior parte da superfície. As duas artistas afirmam nutrir-se esteticamente da natureza, pensam os seus processos criativos como forma de ocupar, preservar, zelar, manter e transformar o entorno em que habitam, ressignificando materiais industrializados.

OBRA RELACIONADA



Helena d’Ávila (Porto Alegre/RS, 1961)

Sem título, 2015
Flores de seda
pintadas com spray
sobre grama artificial

PARA PENSAR

O jardim, o bosque e a paisagem foram abordados por artistas de períodos distintos, como, por exemplo, no romantismo alemão e no impressionismo. Nesses dois casos, a representação da natureza estava vinculada a um certo “espírito de época” presente na vida social e cultural em que pintores e escritores estavam inseridos. No primeiro caso, aparece a categoria do sublime, e no segundo, a impressão de como a luz e as cores da natureza alcançam os sentidos do artista. Podemos afirmar que também os dois trabalhos aqui analisados estão em consonância com o espírito da nossa época?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Na animação *WALL-E* (2008), após a destruição da natureza na Terra, nela permanecem apenas robôs compactadores de lixo, e os humanos passam a viver em uma estação espacial automatizada, acomodados à nova forma de vida. *WALL-E* é o último desses robôs, e cultiva uma única mudinha de planta viva, que simboliza um sopro de esperança para a humanidade. O convite desta atividade, assim como o filme, nos faz refletir sobre nossa própria automatização e a potência das atitudes individuais em relação ao planeta. Solicite aos alunos o projeto de um minijardim ou horta na escola, pensando a finalidade (reuniões, brincadeiras, esportes, etc.), design, etapas (escolha das plantas, preparação do solo, manutenção, etc.), sustentabilidade e pertinência. Os projetos podem ser em forma de maquete, com a utilização de sucatas e elementos industrializados, como os utilizados por Têti e Helena, e ser apresentados à comunidade escolar visando sua possível viabilização.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *Muito além do jardim*, dirigido por Hal Ashby, 1979.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *O jardim secreto*, dirigido por Agnieszka Holland, 1993.
Indicação: Livre.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** MANCUSO, Stefano. *Nação das plantas*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- ➔ **Curso audiovisual indicado para o estudante:** EICHNER, Manuela. *Crie colagens com elementos botânicos*. Curso ministrado no site Domestika, sem data.

PALAVRAS-CHAVE:

natureza

lúdico

kitsch



TELMO LANES

(Porto Alegre/RS, 1955)

Nó no estômago, da série *Modado*, 1976

Objeto de tecido, madeira e plástico

Na série *Modado*, Telmo Lanes utiliza peças de roupas com interferências, transfigurando e subvertendo a materialidade desses objetos comuns num estado emocional *in-absentia* de um **corpo**, e com isso obliterando suas características de **vestuário**. O corpo humano aparece como objeto fragmentado e sem identidade, pois esta deve ser construída pelo observador a partir de sua própria experiência – integrada – com a obra. Ela estimula os nossos sentidos e sensações. Tristeza, euforia, raiva, ansiedade, angústia, medo, nosso corpo reage sempre que não estamos bem, do ponto de vista emocional, gerando o nó no estômago. A obra é metafórica, mas direta, explícita, como bem caberia a “um certo espírito pop” que ronda a presente mostra.

As duas obras escolhidas para esta lâmina, em seus conceitos, exploram a questão mente/corpo denotando a **ausência** do corpo, mas às vezes também corporificando. *Energizador Catarina* e *Nó no estômago* compartilham ainda da presença do humor, da ironia e da irreverência. Na obra relacionada, duas fotografias de um calçado especialmente confeccionado por Carlos Pasquetti, com pontas lembrando sapatos árabes, sugerem, pelo título, que podemos nos energizar ao utilizá-lo. Ou, quem sabe, criarmos nossas próprias combinações, desfiles e danças com as demais peças de vestuário presentes na mostra *Sem Metáfora*.

OBRA RELACIONADA



Carlos Pasquetti

(Bento Gonçalves/RS, 1948 – Porto Alegre/RS, 2022)

Energizador Catarina, 2006

Fotografia a cores

PARA PENSAR

Os artistas da Pop Art também utilizaram amplamente peças de vestuário em sua produção, além de terem enorme influência no mundo da moda, como nos mostra, por exemplo, *Andy Warhol em 8 minutos: a lenda da arte pop ou o guru da moda?*, vídeo disponível no YouTube. Uma peça de roupa do nosso cotidiano, ao ser apropriada por um artista, seja ele conceitual ou Pop, passa a uma nova condição, tendo em vista a materialização de um pensamento: à peça de roupa é agregada uma ideia, como o nó na altura do estômago junto a uma expressão idiomática que é utilizada como título na obra de Telmo Lanes. Podemos afirmar que neste caso o trabalho artístico está contido mais no processo artístico de Telmo Lanes do que no objeto em si?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Peça aos alunos para criarem, em papelão ou papel encorpado, modelos de corpos humanos ou outros como de animais, alienígenas, seres híbridos, etc. Em papéis que possam ser sobrepostos, podem ser produzidos os adereços, calçados, figurinos e disfarces para esses modelos. Compartilhando com os colegas, os personagens inspirados pelo Pop podem protagonizar histórias, ficções, narrativas curtas a serem registradas em vídeos e postadas nas redes sociais.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *The True Cost*, dirigido por Andrew Morgan, 2015.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *O sapateiro mágico*, dirigido por Tom McCarthy, 2015.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** CANTON, Katia. *Moda: Uma história para crianças*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.



VERA CHAVES BARCELLOS

(Porto Alegre/RS, 1938)

Falso Andy Warhol Meret Oppenheim, década de 80

Fotocópia sobre papel

Vera Chaves Barcellos (1938) apresenta-nos uma dupla apropriação com referência à **história da arte**. Na forma de um Andy Warhol (1928–1987) “falsificado”, ela utiliza uma imagem de 1930 da artista suíça Meret Oppenheim (1913–1985), de autoria de Man Ray (1890–1976), apropriada de uma revista e fotocopiada em série sobre folhas de papel color set. Em efeito semelhante à *mise en abîme* (narrativa em abismo), veem-se dois artistas – Man Ray na autoria da imagem original e Meret como modelo e artista – dentro de uma **citação** a outro: a apropriação explícita de um modo de trabalho característico de Warhol. Como Meret por Man Ray, este foi posteriormente fotografado por Warhol, além de ter influenciado suas técnicas e ter sido o único grande fotógrafo do século XX colecionado por ele. Nessa dança entre artistas, caberia ainda a discussão da noção de **autoria**, pois ao próprio Warhol provavelmente agradaria a ideia de não se saber mais se a imagem seria dele ou de outro alguém. E não esqueçamos de que este *Falso Andy Warhol* é também um *Falso Man Ray*.

Assim como Vera, também Claudio Goulart, em *Ideal Idol* (2000), se utiliza de recursos comuns à Pop Art sem estar ligado a ela, como a serialidade e apropriação de figuras da indústria cultural. Ambos compartilhando afinidades em aspectos do processo de trabalho e uma característica potencialmente comum aos artistas da Pop, de serem grandes “guardadores” de documentos, revistas, imagens, etc. para utilização futura em sua produção. No entanto, enquanto Vera preserva a visualidade multicolorida de Warhol em sua citação, Claudio trata a imagem-ícone de Marilyn Monroe de forma incomum, num apagamento que permite ao observador diferentes formas de interpretação.

OBRA RELACIONADA



Claudio Goulart (Porto Alegre/RS, 1954
– Amsterdã/Holanda, 2005)

Ideal Idol, 2000
Impressão p&b

PARA PENSAR

O filósofo da arte Arthur Danto identifica e nomeia a contribuição fundamental dos artistas vinculados à Pop Art como “transfiguração do lugar-comum”. No âmbito da Pop, o banal pode transformar-se em arte, o que teria influenciado os processos artísticos de forma profunda até a contemporaneidade. Podemos afirmar que esses artistas fizeram uma interpretação potente do implacável assédio da indústria cultural sobre a sociedade, ou ao contrário, a indústria cultural se apropriou também do espaço das artes visuais, até então, refratário à cultura de massas?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Para esta atividade, os alunos devem formar seus próprios coletivos de artistas, captar imagens entre si e reproduzi-las em fotocópias sobre papel colorido, impressões em preto e branco para pintar ou mesmo utilizar filtros do celular. A seguir, cada aluno pode criar seu próprio Warhol, utilizando cores em combinações variadas. O resultado pode ser compartilhado através de exposições, livros, postagens ou como produtos de consumo, na confecção de camisetas, ecobags e jogos de memória, por exemplo.

- ➔ **Filme indicado para o professor:** *The Andy Warhol Diaries*, dirigido por Andrew Rossi, 2022. Disponível na Netflix.
- ➔ **Filme indicado para o estudante:** *What is Pop Art? Art Movements & Styles*, 2018. Disponível no YouTube.
- ➔ **Livro indicado para o professor:** DANTO, Arthur. *O que é a arte*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.
- ➔ **Livro indicado para o estudante:** MASON, Antony. *No tempo de Warhol*. Barueri: Calis Editora, 2005.

